

# TRAJANO GALVÃO E A NEGRITUDE

## Abstract

*Traiano Galvão focused on the negro in the first romantic moment when working the Indian. Was common place. He treated the negro seriously and showed that this was a theme which Brazilian literature could not ignore. For all of this, he was the first to worry about the issues regarding the abolition of slavery both in Brazilian and Maranhense literature. Consequently, the people from Maranhão claim for a this recognition in the national scenery.*

**Palavras-chave:** *Negritude, negrófilo, pioneiro, abolição*

Durante o período do indianismo romântico, cantar o índio como bem o fizeram Gonçalves Dias e José de Alencar era imperativo, pois sem esse afinamento com o gosto europeu o autor brasileiro não dialogaria confortavelmente com o seu contemporâneo leitor, logo estaria fadado ao fracasso e ao esquecimento no futuro. Tal é o caso de Traiano Galvão de Carvalho, bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Olinda, em Pernambuco. Com Dias Carneiro e Joaquim Serra, Traiano forma a trindade de poetas que, apoiados nas lendas, usos e costumes do Maranhão, cantam de forma esplendorosa o sertão maranhense. Foi um poeta sensível às questões sociais e humanitárias, casando e reforçando assim os propósitos firmados e desenvolvidos em seu bacharelado.

Traiano Galvão nasceu em Barcelos, Vitória do Baixo Mearim, a 19/01/1930 e faleceu a 14/07/1864, isto é, no septuagésimo quinto ano da Revolução Francesa, marco da História da Humanidade. Apesar do pouco tempo de vida (34 anos e meio), o fazendeiro Traiano, amigo da vida campesina, foi, no Maranhão, o primeiro a cantar o negro escravo e em tom sério, isto é, refletindo sobre a condição do ser escravo e do peso da perversa escravidão num mundo só e somente construído, sistematizado e controlado pelo europeu.

Isto assim considerado, não é sem razão que, o acadêmico e historiador maranhense Mário Martins

Meireles, respeitante a Traiano afirma que, para além de poeta e filólogo, também foi o primeiro nas letras da Mesopotâmia e/ou Atenas Brasileira a voltar-se para a poesia social que versa sobre o negro escravizado:

*“Traiano Galvão, a quem cabe a glória de ter sido precursor da poesia social do escravo africano, que daria os seus mais brilhantes loiros à coroa refulgente de Castro Alves, é um lírico sertanejo, simples e inspirado na forma.”* (MEIRELES, 1949, p. 68)

De fato, o olhar literário de Traiano Galvão voltou-se para a escravidão negra, centrando-se na condição do escravo como reflexão do seu existir social, meditando assim a propósito do significado e do impacto da instituição escravista nos ideais ou nos modelos dos quais a colônia pretendeu e, mais tarde, o país continuou e continua pretendendo se manter ou se alimentar.

Em face do remeximento do passado literário nas várias partes do Brasil, inclusivamente no Maranhão, faz que a constatação de registros desta estirpe engrosse o esforço da arqueologia literária que vem redimensionando e enriquecendo a literatura brasileira pelas suas várias vertentes em que a maranhense é também uma delas.

A reflexão trajaniana sobre o negrismo é fruto de uma experiência observada e analisada, não necessariamente vivenciada enquanto ator sobre o qual recaia o dever da subserviência, mas antes autor da interveniência da parte da autoridade tradicional na sistematização do saber adquirido através da observação cotidiana do viver escravo. Não obstante integrar a estrutura do poder vigente, com tal não se conformava quando a injustiça era o cerne da questão e o sistema escravista instituído era claramente desautorizado e classificado pelo poeta como injusto, ilegítimo, violento e, ainda, e sobretudo, social, econômica e politicamente incorreto.

O maranhense Tobias Pinheiro, no seu livro **Menino do bandolim**, dá conta de um artigo intitulado **Cantor dos escravos** publicado no Jornal do Brasil na edição de 12 de julho de 1964, homenagem

ao centenário de morte do poeta Trajano, oportunidade em que diz:

*“Os homens de cor e suas entidades representativas têm uma dívida de gratidão ao poeta Trajano Galvão, precursor da poesia abolicionista, o cantor dos Escravos, cujo centenário de morte passa esquecido.”* (PINHEIRO, 1997, p. 68)

Este comentário só enfatiza o quanto se precisa estudar, analisar e divulgar os vários escritores brasileiros, dignos de menção honrosa, mas por muitas razões no espaço do esquecimento.

Mais adiante, Tobias Pinheiro depois de reportar-se ao nascimento, infância e formatura do poeta assevera o que se segue:

*“Voltou ao Mearim, foi rever a Pororoca e cuidar de suas terras e de sua gente. Sim, principalmente dos escravos ‘daquela gente roída pela verminose e pela bouba, atormentada pelas sezões’, com bem se expressa o biógrafo Antônio Oliveira.”* (PINHEIRO, 1997, p.69)

Com isto se vê que a preocupação de Trajano voltava-se também para o modo miserável e desumano como o negro vivia enquanto escravo.

Em **Nuranjan**, diz da meditação e devaneio da escrava, para mostrar o grau de consciência da perda da sua subjetividade:

*“- Em que scismo? Em que scisma a captiva?  
Ah! Da negra o que importa o scismar?  
D’estes sonhos ninguém não me priva;  
Ah! Deixai-me, deixai-me sonhar?...  
Vês a Lua que brilha serena,  
Solitária – como alma que pena –  
A vagar pelos campos d’álem?...  
Porque os brilhos co’a a noite despende?  
Quem na leira os sorrisos lhe entende?  
Em que scisma?... Não sabe ninguém.”*  
(GALVÃO, 1898, p. 69)

Nuranjan dá asas à imaginação e pensa e sonha, pensa sobre sua condição de escrava sonha porque é esta a única liberdade que possui, que lhe é permitida – devanear. Mas com o que um escravo poderia sonhar? Com a Liberdade, de certo. Imaginar a liberdade era o seu único exercício de liberdade nos raros e apertados momentos de repouso só admissível pela Mãe-Natureza com a chegada da noite, da ausência de luz, portanto da dificuldade de laborar para bem satisfazer o desejo de enriquecimento dos senhores e tudo sob os auspícios da natureza (noite, lua, estrela, silêncio, solidão, calma, penumbra etc.), isto é, como a sua inteira convivência e em plena conformidade com os cânones românticos.

Em tom explicativo, Nuranjan, personagem que nomeia o texto poético Nuranjan, diz mais para mostrar a razão de sua tristeza e de sua dor:

*“Amo a Lua saudosa, que vaga  
Na campina azulada dos céos,  
Porque a Lua co’os raios me afaga,  
E levanta minh’alma até Deus!  
Amo a Lua, porque amo a tristeza,  
Porque a Lua jamais se despreza  
D’escutar meos queixumes de dôr:  
Porque á luz do meo astro fogueiro,  
Me deslumbro do vil cativo,  
Do azurraque, e do bruto feitor...”* (GALVÃO, 1898, p.70)

Pelo olhar da observação, Trajano Galvão compreende a desdita da escrava e concede voz a Nuranjan para que esta descortine, por experiência, a sua visão do cativo, na tentativa de registrar para contribuir com a construção da verdadeira história da condição escrava no Brasil, desenrolada em plagas maranhenses, que não era diferente no restante do Brasil. A reflexão de vida da Nuranjan é a de todo cativo em qualquer forma, logo descrevendo o modo de vida escravo, de maneira a alcançar o real da perversão e não somente o ideal da total liberdade, compunha as estruturas de pensamento, de emoção e de sentimento do escravo ante o viver cativo. Assim, através da personagem central do poema, Trajano exprime a sua apreensão e compreensão exata do problema escravismo – sujeição do homem pelo homem por conta de sua força de trabalho, explorado para fins econômicos, pelo que o escravo era tido e havido como propriedade privada (mero animal de atração e/ou de carga em que o peso da opressão se desvendava de modo claro e inconfundível). Era, enfim, a inferiorização pelo ato de zoomorfização e reificação do homem pelo homem e tudo pelo desejo de posse, de ter e de poder num mundo cuja única visão válida é a visão econômica, financeira e do crescente lucro e não necessariamente de ser. Era a luta entre o ter, o ser e o estar no mundo.

A fuga da escrava para a Natureza e ou para a necessária integração do homem abre diálogo sobre lacunas, ausências, falhas, dores, tristezas, maldades, perversões, gemidos, ais, choros, maltratos, sonhos e repreensão para ao fim ao cabo sugerir Li-ber-da-de. Este procedimento bem ao gosto romântico e, no domínio poético do dizer e não-dizer, é também um exercício para o resgate de sua subjetividade, é a busca do estado de posse de si mesmo que só pode gerar o **locus** de delícias da liberdade tão imaginada ou aspirada. Assim sendo, refletir sobre o cativo é também refletir sobre a liberdade. É, pois, nesta exata altura que Trajano se desvela um abolicionista negrófilo, apoiado no princípio da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, como tão bem souberam divulgar os propagandistas da revolução Francesa que pouco ou nada se preocuparam como a escravidão negra.

A luta de Nuranjan é muda ou silente sim, mas veemente **“Em que scismo? ...Olha mudo e deserto / O roçado, que além se queimou...”** Trata-se de um profundo protesto contra o regime da escravidão, a um tempo singular e plural, individual e coletivo na

medida em que, mesmo de modo imaginada, ela sonha como a liberdade, saindo do estado de mero animal que lhe impingiram à sua parte física para entrar novamente no estado humano, donde na verdade nunca saiu. A busca de sua reumanização é ainda o afloramento do seu outro lado embasado pela violência do escravismo, que é a parte espiritual, anímica e, no caso vertente, inatingível, infensa à qualquer forma ou nível de escravidão. Traficantes, senhores, feitores, capitães-do-mato representam este aparelho repressor apoiado na legalidade da lei que garantia a escravidão com todas as suas formas de perversão.

Outro veemente protesto antiescravista de Trajano está no seu texto **O solau** (1898). Poema em IV cantos (romance em verso). Neste romance, a chamada para o peso do cativo, para a diferença de cor e para a diferença de situação social, aclara-se sobretudo nos seguintes refrões:

*“Ai! ...pobre de mim, coitada,  
Que sou negra e sou captiva!”  
“Ai! .... triste de mim, coitada,  
Que sou negra e sou captiva!”  
... ..  
“Faceira, esquiva e donzela...  
Ninguém me peça por ella.  
“Branco só vós é que sois;  
Mas homens somos nós dois.”*

Nos dois primeiros refrões os termos **pobre**, **triste**, e **coitada** funcionam como sinônimos para ressaltar a mísera condição da escrava Cesarina em que a humildade do falar é mais uma estratégia de socorro para escapar ao assédio sexual imputado pelo senhor, o que é reforçado nas estrofes que se seguem:

*“Meo Senhor, por piedade,  
Por amor do vosso pae!  
Sou castigada sem culpa.  
Meu Senhor, ah! Perdoae!”*

*“Eu dei conta da tarefa,  
Nunca fiz mal a ninguém,  
Sou humilde e sou creança  
- Tanto ódio d’onde vem?...”*

Mas o clamor da pequena escrava Cesarina não calha com a insensibilidade do senhor Jovino. Nesta altura, Antonio, pai de Cesarina, entra em cena e a comunidade acostuada a ver homem escravizado, como se coisa natural fosse, assiste, ainda que no plano ideal, ou seja, como já deveria ter sido, o escravo em homem volver-se, isto é, a tornar tomar iniciativa diante das circunstâncias, retorna a sujeito mesmo que por pouco tempo. Aqui, vê-se claramente visto a dimensão do espírito novo do qual era imbuído Trajano Galvão.

No poema **A crioula** sob o pretexto da sensualidade endereçada e consagrada à negra e descendentes, mais numa crítica ao mau clérigo que uma recorrência à sensualidade, coloca frente-a-frente

padre (integrante da classe subjugadora) e escravo (integrante da casta subjugadas) para dá azo ao quadro erótico, onde o estigma da libido desloca-se para frente do colonizador, no caso, o clérigo.

Vê-se a profundidade da crítica que destaca o padre traíndo os votos de castidade, mesmo que por pensamento e por palavras, pelo que bem se pode pensar nas obras. Como **sagrado ministro de Deus** era e é ainda dever canônico confessar para a catarse, para o alívio, para os bons conselhos e para o perdão. Por se tratar de um período especial como a quaresma, competia ao padre reafirmar a morte e a vida, sacrifício maior do Homem-Deus pela humanidade, e não desabrochamento erótico diante de uma escrava, que pela sua condição deveria ser objeto de outra preocupação do orientador espiritual, que não a erótica:

*“Na quaresma, meio seio é só rendas,  
Quando vou-me afazer confissão;  
E o vigário vê cousas nas fendas;  
Que quezéra antes vel-as nas mãos...  
- Senhor padre, o Feitor me inquieta;  
É pecado...? – não, filha, antes peta...  
-Gosa a vida – esses mimos dos céos,  
És formosa - ... e nos olhos do padre  
Eu vi cousa que temo não quadre  
Co’o sagrado ministro de Deus...” (GALVÃO,  
1898, p.20)*

Para já, importa destacar que Trajano Galvão não só cantou escravos, também cantou a ação e o pensamento de escravos que ele tão bem soube rasculhar ou desenhar. Antonio, pai de Cesarina, é um exemplo claro, pois diante da maldade maior contra sua filha não titubeia, deixa ou despe-se da pele de escravo que lhe vestiu o europeu e ressurgue como homem, o que aliás, nunca deixou de ser. Em **O calhambola**, encontra-se registro deste quilate que reforça o seu pensamento sobre homens que fizeram escravos a homem retornar-se:

*“Nasci livre, fizeram-me escravo;  
Fui escravo, mas livre me fiz.  
Negro, sim; mas o pulso do bravo  
Não se amolda às algemas servis!  
Negra a pel, mas o sangue no peito,  
Como o mar em tormentas desfeito,  
Ferve, estúta, referve em canhões!  
Negro, sim; mas é forte o meu braço,  
Negros pés, mas que vencem o espaço,  
Assolando, quase negros tufões!” (GALVÃO,  
1898, p. 16)*

Agora, observe-se a semelhança de pensamento entre **Nuranjan** e **O calhambola**:

*“Alta noite, sozinha, o luar:  
E soluço, que o peito comprime,  
Porque o negro, que chora tem crime,  
Porque o negro não deve chorar!...  
... ..*

*Eu bramia, porém não chorava,  
Porque a onça bramio, não chorou  
Membro a membro meu corpo quebrava,  
A vontade, ninguém m'a quebrou!...  
Como reina a mudez na tapéra;  
No meu peito a vontade é que impera;  
Aqui dentro, só ella dá leis.*

Na verdade, o que os maranhenses querem é que Trajano Galvão ocupe o seu lugar de direito no plano da Cultura Brasileira. Ou seja, que a História da Literatura Brasileira retire:

*“as algemas servis do esquecimento à obra de Trajano Galvão, dando-lhe, além da primazia de escrever poesia social autenticamente abolicionista, o título de **Cantor de Escravas**. É o direito que se impõe. É a justiça que se reclama.”*

É desejo dos maranhenses ver a luta poética, que Trajano Galvão travou em prol da liberdade dos escravizados, literariamente reconhecida ao nível de nação, isto é, que a justiça se lhe seja feita, pois quando cantou o negro o tema não estava em moda e era proibitivo, por conta da garantia e manutenção do regime escravista. Ademais, ao lado da bondade do índio (literário), em oposição falava-se insistentemente na ruindade do negro. O índio apesar dos pesares

contou lá com seus apadrinhamentos, do negro ninguém teve dó e, no segundo quartel do século dezenove, o negro, que tão bem servia a economia do Maranhão e, talvez, por isso, também foi a província que mais duramente maltratou o seu escravo, contou com o apiadamento e com a revolta de Trajano Galvão contra a sujeição do homem pelo homem.

O maranhense não quer desmerecer do poeta baiano Castro Alves que ocupa, com justiça, seu espaço na história da literatura ligada ao negro escravo respeitante à abolição, mas quer o lugar merecido por Trajano no âmbito da Literatura Brasileira.

## Referências bibliográficas

GALVÃO, Trajano. **Sertanejas**. Rio de Janeiro. Fabio Reis, 1898.

GOMES, Heloísa Toller. **O negro e Tji'Ti**., **Literatura BTJ**//F